
PROTAGONISMO LOCAL E CRÍTICO NO TRANSLINGUAJAR
DE QUATRO MORADORAS DE ALTER DO CHÃO:
UMA ETNOGRAFIA NA TURÍSTICA VILA NO PARÁ

*Critical and Local Protagonism in the Translanguaging of Four Inhabitants of Alter do Chão:
An ethnography in a touristic village in the Brazilian State of Pará*

DOI: [10.14393/LL63-v35nEsp2019-15](https://doi.org/10.14393/LL63-v35nEsp2019-15)

Maria Inêz Probst Lucena *

Silvia Cristina Barros de Souza Hall**

RESUMO: Este artigo apresenta um recorte de uma tese¹ que discutiu práticas de linguagem cotidianas dos habitantes de Alter do Chão, uma vila balneária localizada no oeste do estado do Pará, Brasil. No presente trabalho, focamos o modo como a língua inglesa é usada e apropriada pelas participantes na pequena vila turística, cenário essencialmente multilíngue e multicultural, mas onde a língua portuguesa mantém o status de língua oficial. Situado na área de Linguística Aplicada, este estudo mostra, a partir da etnografia, como quatro participantes se constituem através de falas localmente situadas em relação às suas interações multilíngues, negociando a comunicação e construindo significados situados em comunicações específicas e emergenciais. A análise dos dados, gerados principalmente pela observação participante, entrevistas e conversas informais, aponta para o modo como as participantes usam todos os seus recursos linguísticos e semióticos para manter uma comunicação efetiva, mesclando línguas e evidenciando criatividade, crítica e protagonismo.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinguismo. Etnografia. Práticas de linguagem situadas. Recursos linguísticos. Translinguagem.

ABSTRACT: This paper is an extract of a PhD dissertation that discussed daily language practices of four inhabitants of Alter do Chão village, a touristic village situated in Western Pará, Brazil. We address how language is used and appropriated by the participants who live in the village, a multilingual and multicultural scenario, but where the Portuguese language holds the status of official language. As a study within Applied Linguistics, it depicts, through ethnography, how the four participants constitute themselves through locally situated discourses in relation to their multilingual interactions, negotiating and making meaning in specific communications. The data analysis, generated mainly through participant observation, interviews and informal talks, points to how the participants use all their linguistic and semiotic resources in order to carry on an effective communication, merging languages and highlighting creativity and protagonism.

KEYWORDS: Multilingualism. Ethnography. Situated language practices. Linguistic resources. Translanguaging.

* Doutora em Letras (UFRGS). Membro do Programa de Pós-Graduação em Lingüística (UFSC). ORCID: 0000-0001-7579-5758. E-mail: lucena.inez(AT)gmail.com

** Doutora em Inglês – Estudos Linguísticos (UFSC). Docente do Instituto de Ciências da Educação (UFOPA). ORCID: 0000-0002-4299-2867. E-mail: silvia.crisbarros(AT)gmail.com

¹ Os dados deste artigo derivam de uma tese de doutorado, originariamente intitulada *I speak English but I am still me: the roles of English in Alter do Chão, Brazil*, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina em dezembro de 2016, por SOUZA (2016).

1 Introdução

Vivemos uma nova ordem mundial, que permite que pessoas de qualquer parte do mundo troquem ou sigam informações a qualquer hora, instantaneamente, através da TV, da internet, de celulares e de outras mídias digitais. Neste mundo globalizado, em que o uso da comunicação digital proporciona a mobilidade de pessoas, em uma velocidade de tempo e espaço jamais vista na história, fronteiras linguísticas tornam-se mais e mais fluidas, favorecendo a mistura de línguas (MOITA LOPES, 2013; GARCÍA, 2009). Neste artigo, apresentamos singularidades nos usos linguísticos em um contexto cuja mobilidade é bastante evidente, seja pelos atrativos de uma região considerada paradisíaca, seja pela facilidade que seus moradores têm em se comunicar com a aldeia global. A etnografia, perspectiva teórico-metodológica utilizada neste estudo, possibilita-nos explorar formas de comunicação que acontecem naquele espaço multilíngue e multicultural, cuja mobilidade sociolinguística é acentuada graças ao apelo turístico da pequena Alter do Chão. A vila balneária, assim chamada homonimamente à cidade portuguesa como uma homenagem a esta última, está localizada à margem do Rio Tapajós, no oeste do Pará, no norte do Brasil.

Neste artigo, a partir do contexto social macro, discutimos as especificidades da vila enquanto o campo micro da pesquisa. O foco é voltado para quatro participantes, chamadas aqui de Remédios, Pilar, Úrsula e Fernanda, moradoras que constroem suas vidas a partir do cotidiano cultural e linguisticamente diverso de Alter do Chão. As quatro mulheres nasceram e se criaram na vila e, desde pequenas, têm sua vida entrelaçada com o turismo.

Remédios trabalhava na loja de doces regionais da família e, quando criança, ajudava na recepção de turistas estrangeiros na residência da avó paterna. Quando questionada sobre práticas linguísticas, Remédios afirma, em língua inglesa, que ela não fala inglês, mas entende aquela língua (“I don’t speak English, I understand”), e que aprendeu com os *gringos* que ela conhece na praça do centrinho da vila, falando com eles, “*misturando tudo*”.

Pilar é guia de turismo, além de militante das causas indígenas, e seu envolvimento com os movimentos sociais faz com que ela entre em contato com estrangeiros, a quem ela gosta de explicar “*com o olhar de quem vive aqui*”, como é viver na Amazônia, em meio a tanta beleza, mas também em meio a conflitos.

Úrsula é dona de uma agência de turismo em Alter do Chão, que, segundo ela, conseguiu montar com o dinheiro que trouxe de três temporadas trabalhando em restaurantes na Inglaterra. Ela garante que, por causa desta experiência, sente-se à vontade para falar inglês, não se preocupando com possíveis desvios de normas gramaticais.

Por último, Fernanda, irmã caçula de Pilar, apaixonada por literatura estrangeira, principalmente pelos livros de Harry Potter, gosta de frequentar teatros e museus, costume que adquiriu visitando o noivo na Noruega.

Neste artigo, objetivamos mostrar como essas mulheres utilizam seu repertório linguístico para viverem suas vidas, posicionando-se, negociando a comunicação e construindo significados situados em comunicações específicas e emergenciais. Assim, focamos no modo como a linguagem é usada pelas participantes em momentos em que elas se adaptam a situações sociolinguísticas globais e locais, buscando fazer com que todos os integrantes façam sentido de seu mundo, durante suas interações. Sendo o inglês tomado como “a língua universal” e aquela que as participantes entendem que deve ser a mais facilmente compartilhada naquele espaço, destacamos interações em que Remédios, Pilar, Úrsula e Fernanda e seus interlocutores fazem usos de todos os recursos linguísticos para dar conta da comunicação efetiva.

Entendendo que falantes bilíngues usam seus recursos linguísticos e semióticos sem se preocupar com fronteiras rígidas entre línguas, importa trazermos aqui o conceito de repertório linguístico e de translinguagem (GARCÍA, 2009; GARCÍA; WEI, 2014; CANAGARAJAH, 2013) para entender os usos situados da linguagem em Alter do Chão.

Conforme Blommaert e Backus explicam, a partir de Gumperz e Hymes, a ideia de ‘repertório’ nos permite entender o uso da “totalidade de recursos linguísticos [...] disponíveis aos membros de uma comunidade em particular”² (GUMPERZ; HYMES, 1972, p. 20-21 *apud* BLOMMAERT; BACKUS, 2012, p. 11). Diferentemente de comunidade de fala, a expressão “comunidade em particular” enfatiza a diversidade de padrões de uso da linguagem formados a partir do acesso aos recursos linguísticos e semióticos de grupos que compartilham normas próprias. Nesse sentido, o conceito de “repertório” é utilizado aqui, na perspectiva do multilinguismo, para definir os recursos linguísticos e semióticos que estão

² Ressaltamos que a expressão “comunidade em particular” não está relacionada com o conceito “comunidade de fala”, ainda que o termo tenha sido vinculado originalmente a ele.

disponíveis na comunicação desses grupos, sem que eles precisem ser diretamente relacionados a uma língua ou comunidade específica (CARDOSO, 2015).

Nesta perspectiva multilíngue, com base em García (2009), Canagarajah (2013) e García e Wei (2014) entendemos que a perspectiva de translinguagem evidencia a habilidade dos falantes bilíngues de potencializarem todo o seu repertório linguístico-semiótico no processo de construção de sentidos e também de transformar seu repertório nesse processo (GARCÍA; WEI (2014). Essa potencialização, ou possibilidade de uso de todos os recursos linguísticos na construção de sentidos, é importante por desenvolver uma consciência crítica. Diferentemente de simplesmente alternar códigos, os falantes, ao *translinguajarem*, não somente alternam as línguas (socialmente nomeadas), eles expressam suas intenções comunicativas, sendo que a comunicação se concretiza pela compreensão que eles têm acerca da importância da ação social que está sendo realizada (GARCÍA, 2009). Entendemos, portanto, que as línguas não estão separadas por fronteiras rígidas, mas, ao contrário, complementam-se na comunicação, de maneira fluida e híbrida em suas formas. Assim, a influência de uma língua sobre outra pode ser criativa, empoderadora e oportunizar o fortalecimento da identidade bilíngue (GARCÍA, 2009). Ou seja, a perspectiva da translinguagem argumenta em favor de um sistema linguístico unitário, no qual as estruturas e o léxico ocupam um terreno sem fronteiras (OTHEGUY; GARCIA; REID, 2018).

Os dados dos quais resulta este artigo foram gerados durante dez meses na pequena Alter do Chão, especialmente para a pesquisa de doutorado de SOUZA (2016), cujo principal objetivo foi investigar como se davam os usos da linguagem de seis habitantes daquela vila balneária quando diziam estar falando inglês. Seguindo os preceitos da etnografia da linguagem (ERICKSON, 2001; GARCEZ; SCHULZ, 2015), além da participação observante e das entrevistas, a geração de dados incluiu diário de campo, registros e anotações em encontros informais. Assim, “o contexto, formado por realidades políticas, culturais e sociais, [foi] desbravado e (re)conhecido por meio de movimentos colaborativos, divididos e negociados no tempo e espaço da pesquisa” (LUCENA, 2015, p. 79). Na presente discussão, nós nos deteremos nos dados gerados em situações de comunicação em contextos situados, tendo como protagonistas as quatro moradoras acima citadas.

Buscamos, na perspectiva da etnografia da linguagem, entender o comportamento das pessoas no contexto natural e dinâmico da pequena vila, com foco especial na interpretação cultural do comportamento (ERICKSON, 1986), procurando revelar os significados das ações do ponto de vista dos participantes, considerando a relação entre linguagem, contextos específicos e questões sociais e políticas (HELLER, 2008; GARCEZ; SCHULZ, 2015; LUCENA, 2015; JUNG; SILVA; SANTOS, 2019). Alinhadas com esses pesquisadores, concordamos que práticas de linguagem são mais bem investigadas através de perspectivas etnográficas, já que tais perspectivas nos permitem ver como o uso da linguagem está conectado com as condições reais de vida das pessoas. Como Heller destaca:

Etnografias nos permitem descobrir coisas que de outro modo nós não descobriríamos. Elas nos permitem ver como as práticas de linguagem estão conectadas com as reais condições de vidas das pessoas e nos permitem descobrir como e porque a linguagem importa para as pessoas em seus próprios termos, além de nos permitir ver como os processos se desdobram ao longo do tempo. (HELLER, 2008, p. 250)³

Na seção que segue, apresentamos Alter do Chão e as participantes, apontando como a língua inglesa importa para as participantes naquele cenário em seus próprios termos. Para tanto, entendemos a pequena vila com um espaço tido por Pratt (1991, p. 34) como uma *zona de contato*, ou seja, um espaço social em que culturas distintas se encontram, chocam-se entre si e se envolvem umas com as outras.

2 O cenário: Alter do Chão

Conhecida como “Caribe da Amazônia”⁴, Alter do Chão é um dos distritos administrados pelo município de Santarém, no oeste do Pará. Localizada às margens do rio Tapajós, a vila dista 37 quilômetros do centro de Santarém e é o principal ponto turístico da

³ Tradução nossa. No original: Ethnographies allow us to get at things we would otherwise never be able to discover. They allow us to see how language practices are connected to the very real conditions of people’s lives, to discover how and why language matters to people in their own terms, and to watch processes unfold over time (2008, p.250).

⁴ Seguindo o apelo turístico internacional, Alter do Chão, apesar de ser banhada por rios, foi apelidada de Caribe da Amazônia, em referência à península de Yucatán, no México.

cidade, pois abriga uma das mais bonitas praias de água doce do mundo, de acordo com o jornal britânico The Guardian.⁵

Entre os meses de agosto a novembro, a vila se transforma em um concorrido balneário quando as águas do rio baixam e deixam à vista um cenário considerado paradisíaco tanto por seus moradores como por visitantes. Fora do período de seca (dezembro a maio), a chuva toma conta da região e o rio ganha volume, encobrindo praias e quiosques. As águas vão baixando a partir de junho e, em agosto, as praias de água doce e areia branca que fazem a boa fama do lugar começam a aparecer. Onde antes só havia água, surge uma ponta de areia branca com centenas de metros de extensão.⁶

Com uma população de quase 8 mil habitantes, a vila vem se tornando cada vez mais conhecida, despertando a curiosidade de turistas locais e de visitantes de outras partes do Brasil e do mundo, muitos deles ali fixando residência. Muitas famílias vivem do turismo, seja fabricando doces, artesanato e alimentos em geral, seja trabalhando como guias, levando os visitantes para passeios, cujos destinos variam de acordo com as estações de chuva e de seca. Segundo Ferreira (2008), a economia de Alter do Chão já teve como base, no início da década de 1980, o artesanato, a extração do leite da seringa e a plantação da mandioca, porém, nos dias atuais, é o turismo que se fixa como forte base econômica, uma vez que Alter do Chão recebe um número considerável de turistas anualmente, muitos deles desembarcados de luxuosos navios transatlânticos (FERREIRA, 2008, p. 35). A maior parte dos visitantes chega à pequena vila em setembro, quando acontece o Festival Folclórico do Sairé, uma das maiores e mais antigas manifestações folclóricas da Amazônia.⁷

O Sairé é festejado como um ritual religioso durante o dia, culminando com a cerimônia da noite, quando são feitas ladainhas e rezas. Depois, vem a parte profana da festa, com shows artísticos e apresentações de danças típicas, com a disputa que acontece entre as

⁵ <https://www.theguardian.com/travel/2009/apr/15/beach-brazil-top-10>

⁶ <https://www.feriasbrasil.com.br/pa/alterdochao/>

⁷ O Sairé é a mais antiga manifestação da cultura popular da Amazônia. A festa acontece há mais de 300 anos e sua origem remonta às missões evangelizadoras dos padres jesuítas com os índios da Amazônia. O símbolo do Sairé é um semicírculo, de cipó torcido, envolvido por algodão, flores e fitas coloridas. No centro do semicírculo, estão três cruzeiros e, no topo dele, outra mais. Juntas, essas cruzeiros representam o mistério da Santíssima Trindade e, no topo, um só Deus. A imagem da pomba, que representa o Espírito Santo, também faz parte do adorno. O estandarte segue à frente da procissão, carregado por uma mulher, que, na tradição, é chamada da Sairapora. Nos dias de Sairé, ele é fincado na areia da ilha que se forma no período da seca na principal praia de Alter do Chão, repetindo o que faziam os índios para saudar os portugueses.

associações folclóricas Tucuxi e Boto Cor de Rosa. Essas associações são compostas por dançarinos que encenam a lenda do golfinho de água doce que se transforma em um homem bonito, seduz e engravida as mulheres virgens das comunidades ribeirinhas, ponto alto da comemoração. Entre dançarinos de carimbó, a dança típica do estado do Pará, outras figuras alegóricas são muito famosas como, por exemplo, a “Rainha do Sairé”, a “Rainha do Lago Verde”, a “Rainha do Artesanato”, o “Boto Homem” e a “Cabocla Borari”. A festa tem fundamental relevância, porque, aliada às belas paisagens naturais da região, constitui atrativo turístico de importância socioeconômica, uma vez que se reverte em fonte de renda para a vila e para Santarém e faz com que o turismo seja, atualmente, a principal atividade econômica da pequena vila.

Quanto à formação educacional de seus habitantes, Ferreira (2008) aponta que a mesma era feita em casa até o início do século XX. Segundo o autor, os educadores, pessoas que possuíam alguma instrução oferecida pelos missionários, recebiam apenas uma gratificação dos membros comunitários para ministrarem suas aulas, na vila. Esta situação foi mantida até 1946, quando foi fundada oficialmente a primeira escola do distrito. Atualmente, a vila conta com cinco escolas⁸, todas públicas, sendo que a maior delas⁹ atendia, em 2018, 800 alunos no ensino fundamental e 300 no médio.

Foi nesse cenário de belezas naturais e culturais, permeado por problemas sociais inerentes à realidade brasileira, tais como desemprego, falta de infraestrutura e baixa escolaridade¹⁰, que os dados desta pesquisa foram gerados. Nesse contexto, a etnografia nos permitiu entender como e por que as línguas importam para as pessoas que lá vivem, a partir de suas próprias perspectivas (HELLER, 2008) e nos permitiu focar em como a linguagem se vai adequando às experiências de trabalho e de vida (HELLER, 2005) em um espaço em que o turismo se expandiu rapidamente como uma atividade econômica.

A observação dos usos da linguagem das quatro moradoras e de seus interlocutores, visitantes da ilha, em suas ações e interações cotidianas nos permitiu discutir padrões

⁸ Uma delas, a “Escola da Floresta”, funciona apenas para visitação.

⁹ A Escola “Borari” também atende alunos nas praias vizinhas, como Pindobal.

¹⁰ De acordo com o IDEB, Índice de Desenvolvimento da Educação básica, apenas 31,7% da população estudantil do estado do Pará ultrapassa o Ensino médio, o que significa que sete em cada dez estudantes não se qualificam para o nível superior. Informação disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-namidia/indice/30025/para-e-o-pior-estado-em-aprovacao-de-alunos/>

encontrados nas situações comunicativas em que os participantes translinguajavam, livremente, sem a costumeira restrição encontrada em cenários escolares (OTHEGUY; GARCÍA; REID, 2015). Como mostraremos a seguir, naquele cenário multilíngue e multicultural os padrões de uso da linguagem evidenciam negociações, protagonismo e criatividade a partir do uso dos repertórios linguísticos dos interlocutores que buscavam dar conta de sua comunicação, sem se preocupar com fronteiras linguísticas social e politicamente definidas.

3 Translinguagem em Alter do Chão – protagonismo local, criatividade e crítica nas práticas de linguagem das participantes

As participantes desta pesquisa, em suas interações, evidenciam negociações linguísticas, performances criativas e protagonismo local em seus usos da linguagem. Em muitas situações as participantes transitam entre as línguas que fazem parte de seu repertório linguístico. A mistura revela-se uma prática bastante comum entre as participantes e seus interlocutores, alguns deles falantes não declarados de português, de modo que é comum o uso de todos os códigos a eles disponíveis nas interações.

Com o objetivo de mostrar como essa comunicação multilíngue é impulsionada entre moradores e visitantes de Alter do Chão, transcrevemos abaixo passagens de conversas entre eles, gravadas em diferentes momentos e situações. Na transcrição a seguir, Remédios e Zelig¹¹, seu amigo da Alemanha, conversam sobre dificuldades que moradores da Vila encontram ao falar inglês. No encontro entre eles, na pizzeria da vila, tentam, sem sucesso, manter na mesa, a conversa apenas em inglês:

Zelig: Everybody can speak English, but nobody is speaking.

Remédios: I can't [speak]. I can understand [English]. Zelig: Everybody can. But you are very shy!

Remédios: Understand. I am not shy.

Zelig: Many people, I mean, when you are speaking...

Remédios: The problem is people querem que você speak perfect (DIÁRIO DE CAMPO, agosto de 2014)

¹¹ Zelig é um jovem empresário triatleta alemão que fala português devido ao fato de frequentemente passar férias em Alter do Chão. Zelig é amigo de vários moradores da vila, principalmente da família de Remédios, a quem considera uma ótima aprendiz de línguas.

Remédios costuma usar português e inglês em suas falas com o objetivo de alcançar o mútuo entendimento. Ela faz uso de hibridismo linguístico em suas práticas, na qual ambas as línguas, português e inglês, se fazem presentes, escapando das fronteiras rígidas de separação entre línguas (GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2013). As falas de Remédios buscam sentido em sua experiência vivida, e ela sempre procura trazer para suas práticas comunicativas aspectos que ela considera primordiais em sua cultura, sem que o inglês a intimide como uma ‘língua do outro’. No exemplo seguinte, mostramos como ela se engaja “a fim de fazer sentido de seu mundo bilíngue” (GARCÍA; WEI, 2014, p. 22), ao tentar convencer seu amigo Zoran, um norueguês, a comprar um anel de noivado.

Na lanchonete, esperando sanduíches, Remédios nota que Zoran¹², noivo de Fernanda, não usa a aliança dourada que noivos, no Brasil, geralmente usam na mão direita. Ela, então, inicia uma conversa com ele:

Remédios: Tu like Fernanda Del Carpio?

[A própria noiva, Fernanda responde.]

Fernanda: Yes!

[Remédios ri e continua, falando e gesticulando, apontando para o dedo]

Remédios: Ele I love, né?¹³ Cadê teu ring?

[Ela se vira para Zoran, fazendo gestos. Zoran responde, em inglês.]

Zoran: In Norway, we don't need to wear it.

Remédios: Mas aqui é Brasil e aqui tu tem que usar. Tu precisa. You have to buy!

Zoran: Yes... I can buy one here.

Remédios: Yes! You need! Que é isso? Tu é single?

Zoran: No, I am not single.

Remédios [apontando uma das lojas que vende bijuterias e artesanato da Amazônia]: Vai lá e fala assim: eu quero um anel de coquinho.

Zoran [repetindo, em português]: Eu quero um anel de coquinho!

Remédios: Isso! Eu quero um anel de coquinho.

Zoran [brincando com a pronúncia da palavra coquinho]:

/kəʊ'keɪn/.

¹² Zoran é um jovem norueguês que, na época em que os dados deste estudo foram gerados, era noivo de Fernanda, também participante deste estudo. Os dois, que se conheceram em 2012 na vila de Alter do Chão durante férias de Zoran e se casaram em 2015, atualmente moram na Noruega.

¹³ Ao dizer ‘Ele I love né’, Remédios não distingue ‘I’ e ‘love’ como uma frase com o sujeito e verbo. Para ela ‘I love’ significa o verbo ‘amar’.

Remédios [rindo]: Não é cocaína não! Coquinho é seed. Não... Coquinho is like coconut. Coconut tree. (DIÁRIO DE CAMPO, 2014)

A conversa flui naturalmente e Remédios e Zoran fazem uso de uma rede de sinais semióticos que se adequam àquela situação comunicativa (GARCÍA; WEI, 2014). O desempenho de Remédios ao fazer uso de todos os componentes linguísticos e contextuais, com interdependência entre eles, contribui para que ela possa expressar seus valores e sua identidade (*Mas aqui é Brasil e aqui tu tem que usar. Tu precisa. You have to buy!*). Remédios mostra uma característica comum entre falantes bilíngues, que é o modo de usar a linguagem sem se prenderem a definições sociais ou rígidas entre línguas. Ou seja, Remédios combina livremente aspectos da linguagem para poder fazer sentido, dependendo de seus valores, atitudes e objetivo na interação (GARCÍA, 2009; CARDOSO, 2015). Assim, Remédios ‘translanguageia’ de modo criativo (*Isso! Eu quero um anel de coquinho. Zoran brinca com a pronúncia da palavra coquinho: “/kəʊ'keɪn/”. Rindo, Remédios responde: Não é cocaína não! Coquinho é seed. Não... Coquinho is like coconut. Coconut tree*).

Remédios reflete, criticamente, sobre o modo como desconstrói estruturas convencionais e ao se posicionar e falar do ‘seu [próprio] jeito ela ajuda a gerar “novos entendimentos das relações humanas e gerar estruturas sociais mais justas, capazes de liberar vozes oprimidas” (GARCÍA; WEI, 2014, p. 42):

[...] então, olha o Zelig. Ele fala errado... o Português. Fala errado... Mas todo mundo entende. O jeito que ele fala é ele, né? Se não, não seria ele. Tu entendeu? Eu tô achando que eu, do jeito que eu falo inglês, posso comparar com o Zelig. Sou eu. É meu jeito, né? Eu falando inglês. Até meus errinhos. Como é nome daquilo... [ela pensa um pouco] sotaque! Meu sotaque. Mas sou eu, entende? (CONVERSA INFORMAL, 2014)

De modo semelhante à postura de Remédios, em suas comunicações multilíngues e multiculturais, também Úrsula, dona de uma agência de turismo em Alter do Chão, busca transpor barreiras nacionais e linguísticas e afirma que o objetivo de suas interações é sempre ‘entender e ser entendida’. Ao ajudar um casal de turistas franceses que perdeu a câmera fotográfica, ela procura manter uma interação, buscando elementos linguísticos apropriados para, como provedora de serviço em uma agência de viagem, atender bem seus clientes, como mostramos na vinheta abaixo:

Ao ser informada do caso, Úrsula começou a procurar o telefone da empresa de ônibus e disse ao casal de turistas: 'You should have *ask* somebody in the office'. A moça francesa que respondeu já ter tentado telefonar, sem sucesso, perguntou, então: 'Ok, do you know if sometimes the driver goes in the bus and check if there are things?' Úrsula, continuando a manter a interação, respondeu: 'No, I don't know, maybe... there is somebody that gets money that we call 'cobradora' and maybe she checks if you ask... if is somebody from the company, maybe they keep it'. (DIÁRIO DE CAMPO, 2014)

Úrsula mobiliza seus recursos linguísticos importando-se com a convencionalidade linguística que sua atividade econômica demanda, mas sem deixar de imprimir personalidade na sua atividade linguística. Na entrevista, logo após o episódio da perda da câmera pelos turistas franceses, ao conversar com SOUZA (2016), ela revela que seu comprometimento e engajamento é com a comunicação efetiva, com o ser e o fazer que emergem na interação social:

Úrsula: Aí eu falei *the bus returned already to Santarém*. Eu sei que eu falei errado, mas eu queria comunicar primeiro, entendeu?

Silvia (2016): Mas por que tu falou 'errado'? O que quer dizer falar errado?

Úrsula: Falar errado gramaticalmente o inglês, porque eu percebi... sempre eu percebo [o 'erro'], mas eu não volto. Porque na verdade eu queria primeiro me comunicar. Entendeu? E ela entendeu, né? (DIÁRIO DE CAMPO, 2014)

Segundo Úrsula, sua experiência de morar 'lá fora'¹⁴, ajudou-a a ter segurança em acessar todos os seus recursos linguísticos nas situações comunicativas. Suas performances linguísticas eram, assim, nos termos de García e Wei, oportunidades para a "inovação e criatividade" (GARCÍA; WEI, 2014, p. 24) criadas a partir do contato entre pessoas de diferentes cenários que buscam no seu dia a dia fazer sentido de seus mundos. Nas suas interações com os franceses, no episódio do ônibus e da câmara esquecida, Úrsula demonstrou compreender que, naquela situação, a atenção dos turistas estaria mais voltada para a informação sobre o destino do ônibus, a partir da qual poderiam reaver o objeto perdido, do que para seu estilo próprio de falar ou sua competência comunicativa. O falar 'errado' não parece ser uma preocupação na prática diária das suas funções e atuações. No entanto, na interlocução, ela tenta justificar o uso da linguagem, com base em ideologias

¹⁴ Úrsula tem uma irmã mais velha que morou na Inglaterra, país onde ela passou três temporadas, inclusive trabalhando em restaurantes.

linguísticas sobre estrutura e uso linguístico regulamentados (SIGNORINI, 2008), possivelmente prevendo um possível julgamento da pesquisadora.

Em suas falas, Úrsula procura manter termos ou expressões que carregam significados importantes para ela e para o uso emergencial da linguagem, visando à efetividade na situação sociolinguística, que, no caso da câmera esquecida no ônibus, significou garantir aos turistas resolver seu problema emergencial. Ou seja, a linguagem foi usada como uma “competência relacionada ao trabalho, tanto como uma habilidade mensurável, ou, de modo inverso, como um talento” (HELLER, 2005, p. 1) em uma condição social em que as relações sociais e econômicas, embora hierarquicamente bem marcadas (dona de agência e cliente), transcendem limites nacionalistas e linguísticos e possibilitam novas formas de interação.

Novas formas de interação também levam a que Pilar, militante das causas indígenas e guia de turismo em Alter do Chão, preocupe-se em falar inglês. Impulsionada pela ameaça à Amazônia e aos indígenas, mais do que pelo seu trabalho como guia turística, considera que seu conhecimento de inglês é necessário tanto para combater a ameaça externa quanto para juntar-se a campanhas estrangeiras que se alinham à sua luta, conforme ela explica em uma mensagem, enviada por correio eletrônico:

[...] as empresas que estão acabando com a Amazônia são patrocinadas por dinheiro vindo da Alemanha, China, Inglaterra, França, Estados Unidos, etc. Então ‘sim’ eu procuro usar o inglês pra militar pois as ameaças começam fora do Brasil quando eles se reúnem em cúpulas [...] Mais uma vez interagir com o estrangeiro se faz necessário, pois eles entram como apoiadores dos povos nessas ações! Mas nossa mídia não dá voz aos povos indígenas, e também nesse momento a mídia estrangeira tem ajudado e divulgado a luta. (Mensagem de correio eletrônico recebida em 2/9/2015)

Motivada por suas convicções políticas, Pilar, no entanto, entende que, para envolver-se de maneira colaborativa nos movimentos sociais, nos quais precisa ter agentividade e iniciativa, ela nunca deve ter medo de qual palavra inglesa usar, ainda que por vezes sinta dificuldade de encontrar ‘uma linguagem mais técnica’:

[...] eu tenho um problema assim que quando é pra falar de um aspecto atual, dessa relação dos ribeirinhos com o rio e mais os problemas que tem aqui, tipo hidrelétrica, essas coisas, são coisas que envolvem uma linguagem mais... muito técnica e muito diferente, que em português eu saberia contar, mas em inglês não. Isso me dói muito, porque eu quero contar as coisas e não sei como chegar nesses assuntos, mas sempre

dou um jeito, as vezes misturo com português, algumas palavras em espanhol e sai. (PILAR, ENTREVISTA, 2014)

Pilar usa seu repertório linguístico deliberadamente, ‘mistur[ando] com português, algumas palavras em espanhol’ como uma função social explícita e politicamente marcada, ‘sempre [dando] um jeito’, revelando-se liberta e sensivelmente posicionada em sua agenda de justiça social. Ou seja, ao buscar a compreensão da situacionalidade da comunicação, Pilar consegue dar cabo, efetivamente, a interações multilíngues, a partir de uma perspectiva heteroglóssica. Mesmo em meio a tensões pelo temor de sua luta política ser prejudicada por não conseguir ‘chegar nesses assuntos’, ela não desiste e assume seu protagonismo. Ao suplantar práticas comunicativas tradicionais, consegue um terreno mais produtivo para sua ação social e política.

O posicionamento político de Pilar aparece ainda no seu questionamento em relação ao valor social do inglês em ‘abrir portas’, evidenciando uma postura crítica em relação ao pensamento ‘de todo mundo’ que diz que o inglês ‘tem essa força’. Nesse caso, não reconhece a instrumentalização do inglês, tão forte e intensamente propagada pelas “indústrias de línguas” (HELLER, 2005, p. 5):

Quando eu comecei a falar todo mundo ficava dizendo, ‘inglês vai abrir portas’ [...] Qual essa força que o inglês tem? Por que outras línguas, como a nossa por exemplo, não têm? Eu falo inglês, mas sempre me questiono sobre as ideias que as pessoas têm dessa língua... é pra pensar, né? (PILAR, ENTREVISTA, 2014)

Além das lutas sociais, as condições de um espaço turístico que atrai pessoas do mundo inteiro geram também a mobilidade de residentes de Alter do Chão em direção a outros países, situação que incita também a preocupação de seus residentes em relação ao multilinguismo e ao uso do inglês. Fernanda, que estava para mudar para a Noruega, país onde iria viver com seu futuro marido norueguês, fala inglês. Ela demonstra uma preocupação em falar inglês ‘errado ou engraçado’ e considera que ‘falar sem preocupação’ é essencial para viver no país nórdico. No entanto, sem ‘deixar de ser brasileira, paraense, da Amazônia’:

[...] queria mesmo falar [inglês] sem preocupação, sem ficar pensando que tão rindo de mim pelas costas, porque tô falando errado ou engraçado, 'que inglês zoadó'. Assim, eu quero falar inglês. Acho que vai ser bom pra minha vida com o meu marido. Mas eu não quero deixar de ser brasileira, paraense, da Amazônia. Nunca que vou me acostumar a só comer aquelas comidas, não dá pra não sentir saudade das nossas...o que eu quero dizer é que eu quero usar o inglês, mas não quero deixar a minha vida pra trás. Quem eu sou realmente. (FERNANDA, ENTREVISTA, 2014)

Fernanda gosta de conversar sobre vários assuntos que transcendem seu espaço local, como ela mesma afirma. Entre idas e vindas à Noruega, ela 'tomou gosto' (FERNANDA, CONVERSA INFORMAL, 2014) por ir a cinemas, teatros e museus, pela leitura, assim como por conhecer diferentes lugares e culturas. Tudo isso, segundo ela, só foi possível graças ao seu conhecimento de língua inglesa, que lhe permitiu construir uma relação com o noivo e, a partir disso, ela pode ter acesso a esses capitais culturais. Ao falar da trajetória de sua vida ao longo do tempo e do espaço, Fernanda se posiciona ao falar sobre a necessidade de aprender o inglês, evidenciando que não pretende 'deixar sua vida para trás' ou de 'deixar de ser brasileira'.

Conforme mostrado, as participantes têm diferentes perfis, diferentes desafios, diferentes sonhos, mas todas demonstram muita familiaridade e agentividade em seus usos linguísticos, evidenciando um entendimento de como fazer sentido de seu ambiente bilíngue. O papel que a linguagem desempenha em Alter do Chão está associado com acesso ao trabalho, à luta social, aos amigos e ao amor.

4 Considerações finais

Neste trabalho, a partir de uma etnografia da linguagem, buscamos mostrar a fluidez de línguas no cenário de uma pequena vila turística no norte do Brasil. Naquele espaço, geograficamente limitado em extensão, mas com uma expansão econômico-política local focada no turismo, a identidade linguística e cultural das participantes-moradoras mantém sua força translíngue e transcultural. Ao lidar com a necessidade de ter que falar o inglês, elas aprenderam como construir interações multilíngues no complexo e interligado mundo globalizado de hoje. Dialogam com o conceito de cidade turística, buscam inspirações nas prosaicas práticas trazidas pela ideia de sonhos trazidos pela política do turismo (HARVEY, 2004), mas demonstram tensão frente ao risco de tornar-se outra pessoa. Mantêm-se,

portanto, atentas às liberdades pessoais e políticas ao fazerem uso de uma linguagem heterogênea e translíngua como uma força de resistência que lhes permite sublevar-se, dialogar e habitar espaços que lhes poderiam ser retirados diante das supostas e propagadas virtudes do turismo.

A presença forte da multiculturalidade e do multilinguismo naquele cenário faz com que moradores e visitantes da vila criem e recriem significados, negociando a todo o tempo suas identidades linguístico-culturais, explorando e inventando novos modos de vida. A translanguagem (CANAGARAJAH, 2013; GARCÍA, 2009) aparece nas interações não como uma estratégia usada pelas participantes para dar conta do inglês, mas para estabelecer mudanças tanto sociais quanto subjetivas, trazendo a sensação de empoderamento e de protagonismo para as participantes em um espaço que poderia ser linguisticamente controlado pela imaginação pública positiva do turismo, que, via de regra, valoriza o monolinguismo e o nacionalismo.

Assim, junto com García e Wei, entendemos que a translanguagem não evoca apenas “uma mistura ou uma hibridização de primeira com segunda línguas” (GARCÍA; WEI, 2014, p. 25), mas também envolve um processo criativo, no qual a linguagem é estrategicamente usada como um conjunto de “recursos móveis de práticas dentro de um contexto social, cultural político e histórico” (GARCÍA; WEI, 2014, p. 9). Apoiadas em García (2009), García e Wei (2014) e Canagarajah (2013), entendemos como translanguagem as práticas de linguagem em que se envolvem as participantes desta pesquisa, uma vez que lhes permitem potencializar a comunicação, ao fazer uso de recursos linguísticos, semióticos e culturais que são parte de suas biografias multilíngues. No uso criativo desses recursos, os interlocutores se adaptam a situações sociolinguísticas globais e locais, de modo a fazer sentido de seu mundo durante as interações.

Nesse sentido, podemos dizer que a translanguagem encontrada em Alter do Chão reflete um fenômeno social de nossa sociedade contemporânea, em que as novas possibilidades de uso de linguagem, proporcionadas pela tecnologia, pela mobilidade recente de pessoas, pelas diásporas e pelo envolvimento com novas formas de cultura popular têm a ver com hibridização e com flexibilização ao contrário de uniformidade e estabilidade.

Evidenciando encontros multilíngues e realidades da vida de um pequeno vilarejo turístico, este artigo buscou contribuir com estudos que dialogam com a necessidade premente de se entender as práticas de linguagem com foco nos indivíduos posicionados no mundo globalizado contemporâneo, onde a complexidade e a fluidez nas formas de contato se fazem cada vez mais presente. A pesquisa mostrou que a formação social dos habitantes da vila é construída a partir de um processo singular de comunicação e nos desafia a desenvolver mais estudos que olhem para o modo como grupos de pessoas não mais se definem estritamente e necessariamente dentro de rígidas fronteiras linguísticas, geograficamente e socialmente impostas.

Referências

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations**. London/New York: Routledge, 2013. <https://doi.org/10.4324/9780203120293>

CARDOSO, A. C. **“A gente pode aprender muito com essas trocas de línguas e não ficar preso numa língua só”**: práticas de linguagem na introdução do ensino bilíngue em sala de aula do ensino médio. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ERICKSON, F. Qualitative Methods in Research on Teaching. *In*: WITTRÖCK, M. (Ed.). **Handbook of research on teaching**. 3. ed. New York: MacMillan, 1986. p. 119-161.

ERICKSON, F. Prefácio. *In*: COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A (Org.). **Cenas de sala de aula**. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p. 9-17.

FERREIRA, E. **O berço do Çairé**. Santarém: Edição do Autor / Valer, 2008.

GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, n. 31 Especial, p. 1-34, 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-445093806057590158>

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: a global perspective**. Malden, MA / Oxford: Wiley/Blackwell, 2009.

GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging: language, bilingualism and education**. New York: Palgrave MacMillan, 2015. <https://doi.org/10.4324/9780203120293>

HARVEY, D. **Espaços da esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HELLER, M. Doing ethnography. *In*: WEI, L.; MOYER, M. G. (Ed.). **The Blackwell guide to research methods in bilingualism and multilingualism**. Oxford: Blackwell, 2008. <https://doi.org/10.1002/9781444301120.ch14>

HELLER, M. Language, skill and authenticity in the globalized new economy. **Novas SL: Revista de sociolingüística**, n. 2, p. 1-7, 2005.

JUNG, N.; SILVA, R.C.; SANTOS, M.E.P. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópico**, v. 17, n. 1, p. 145-162, 2019. <https://doi.org/10.4013/cld.2019.171.08>

LUCENA, M. I. P. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. **DELTA**, n. 31 Especial, p. 67-95, 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-445056402228334085>

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

OTHEGUY, R.; GARCÍA, O; REID, W. A translanguaging view of the linguistic system of bilinguals. **Applied Linguistic Review**, 2018. Disponível em: <https://ofeliagarciadotorg.files.wordpress.com/2018/03/otheguy-garcia-and-reid-responseapplied-linguistics-review-a-translanguaging-view-of-the-linguistic-system-of-bilinguals.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2019.

PRATT, M. L. Arts of the contact zone. **Profession 1991**, p. 33- 40, 1991.

RAJAGOPALAN, K. Exposing young children to English as a foreign language: the emerging role of world English. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 48, n. 2, p. 185-196, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132009000200002>

SOUZA, S. C. B. **I speak English but I am still me**: the roles of English in Alter do Chão, Brazil. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários) – Programa de Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Recebido em: 01.06.2019

Aprovado em: 23.10.2019